Resgate Histórico e Cultural através do Jornal Tribuna do Norte

Memórias e Patrimônios

FESTE O TEATRO COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL DE PINDAMONHANGABA

Divulgação



"Experimento 7 Encruzilhadas - Ensaio sobre o coração do mundo", espetaculo convidado do 48º FESTE/2026

Da tradição teatral do século XIX à construção de uma memória cultural coletiva

O patrimônio cultural de uma cidade não se limita a edifícios históricos, monumentos e objetos preservados. Também se manifesta nas práticas e expressões artísticas transmitidas entre gerações. Em Pindamonhangaba, o Festival Nacional de Teatro — FESTE — constitui uma dessas referências, inscrita na história cultural do município.

Criado em 1974 por iniciativa ligada ao teatro estudantil, o FESTE reuniu, ao longo de mais de cinco décadas, professores, estudantes, artistas, técnicos, organizadores e espectadores. Sua trajetória, marcada pela ampliação da programação e pela participação de grupos de diferentes regiões do país, culminou no reconhecimento oficial como patrimônio cultural imaterial de Pindamonhangaba.

Uma cidade com história teatral

A atividade teatral em Pindamonhangaba antecede em mais de um século a criação do FESTE. No século XIX, moradores já organizavam representações dramáticas e espaços para recebê-las.

A história registra a existência de um pequeno "teatrinho" na antiga Rua da Estalagem, posteriormente Rua Marechal Deodoro. O espaço, construído por iniciativa de amadores locais, recebia apresentações e constituía um dos primeiros ambientes dedicados à atividade teatral no município.

Em 1851, moradores organizaram uma sociedade para financiar a construção de um edifício mais adequado às apresentações. A iniciativa reuniu contribuições de cidadãos interessados em dotar Pindamonhangaba de um espaço próprio para a atividade teatral, demonstrando que a organização de espetáculos já mobilizava diferentes setores da comunidade.

O novo teatro foi erguido na então Praça Formosa, atual Praça Monsenhor Marcondes, e inaugurado em 1856. O projeto foi atribuído a Francisco Antonio Pereira de Carvalho, Chiquinho do Gregório. O edifício possuía plateia, camarotes, galerias e palco, além de elementos decorativos que lhe conferiam características dos teatros oitocentistas.

Em 1858, uma associação dramática particular assumiu a conservação do teatro e a organização de apresentações, reunindo moradores envolvidos com a atividade cênica.

O repertório dos amadores locais incluía dramas, comédias, operetas e obras como O Noviço, O Conde de Monte Cristo e O Guarani, além de apresentações musicais e recreativas.

O teatro também recebeu artistas e companhias em circulação pelo interior paulista, inserindo Pindamonhangaba nos circuitos culturais do período.

Embora o edifício não tenha chegado aos nossos dias, sua existência permanece documentada na história da cidade.

No século XX, outras iniciativas deram continuidade à atividade teatral na cidade. Não há, contudo, indicação de vínculo institucional direto entre elas e o FESTE, cuja origem se deu no Ginásio Industrial Estadual, em 1974.

Divulgação



O teatro inaugurado em 1856 na então Praça Formosa tinha plateia, camarote, galerias e palco, com elementos de estilo característicos das casas teatrais renascentistas

Editorial

FESTE

Um patrimônio que transforma vidas

Há mais de cinco décadas, o FESTE ocupa um lugar singular na história cultural de Pindamonhangaba. Mais do que apresentar espetáculos, o festival aproxima pessoas da arte, amplia horizontes e desperta vocações. Sua importância não se mede apenas pelas apresentações realizadas, mas também pelas trajetórias que ajudou a construir.

Em 1997, assisti ao meu primeiro espetáculo teatral no FESTE. Fiquei encantado. A partir daquele encontro, o teatro passou a fazer parte da minha vida. Corria para assistir a todas as peças, participava das oficinas e acompanhava os debates após as apresentações.

E não estava sozinho. Nós, jovens artistas de Pindamonhangaba, vivíamos intensamente o festival. Cada espetáculo ampliava nosso repertório; cada debate nos apresentava novas maneiras de pensar e fazer teatro. O FESTE era nossa escola, nossa janela para o mundo.

Foi ali que nasceu meu desejo de, um dia, conquistar o prêmio de melhor ator do festival. Em 2005, esse sonho se realizou. Receber aquele reconhecimento no mesmo evento que me havia despertado a paixão pelo teatro foi profundamente significativo.

É nessa capacidade de formar, inspirar e conectar gerações que reside parte do valor do FESTE como patrimônio cultural imaterial. Seu legado não está apenas nos registros históricos, mas nos conhecimentos compartilhados, nas memórias construídas e nas vidas atravessadas pela experiência teatral.

Minha historia com o FESTE é apenas uma entre tantas.

Mauro Morais
Ator e arte-educador

Do Ginásio Industrial ao primeiro FESTE

Em 1974, Diógenes Chiaradia Feliciano, professor do Ginásio Industrial Estadual de Pindamonhangaba, utilizou o teatro para ampliar as experiências educativas de seus alunos.

A iniciativa começou com a montagem de “Na Terra dos Dragões”, texto de sua autoria, desenvolvido com estudantes em ensaios e atividades de produção cênica. Os alunos colaboravam na preparação de cenários, figurinos e equipamentos, aproveitando materiais e conhecimentos das oficinas escolares.

O projeto contou com o apoio do diretor Antônio Raposo, que autorizou e incentivou as atividades. Entre os nomes lembrados pelo fundador estão Heli, Lauro de Almeida, Fernando, Teotônio e Benedito Nelson Guardinha, participantes de uma experiência que ultrapassaria os limites da escola. A montagem também contou com estudantes como Odair, Ariene Faria, Heli Palma da Silva, Romeu Magalhães, Márcia de Andrade Gonçalves e Lúcia de Fátima Giúdice de Andrade.

O envolvimento dos estudantes motivou Diógenes a organizar um encontro de grupos teatrais. Surgiu assim o FESTE, inicialmente denominado Festival de Teatro Estudantil.

O primeiro festival aconteceu entre os dias 7 e 12 de outubro de 1974. As apresentações foram realizadas na Associação Atlética Ferroviária, enquanto o encerramento ocorreu no Clube Literário e Recreativo.

A programação reuniu grupos de Pindamonhangaba, Roseira, Caçapava, Redenção da Serra e Mogi das Cruzes. Entre os espetáculos estavam A Bruxinha que Era Boa, O Urso, Forrobodó na Sacristia e Dona Patinha Vai Ser Miss, além de Na Terra dos Dragões, apresentado pelos estudantes do Ginásio Industrial.

O júri era formado por representantes indicados pelos grupos participantes, impedidos de votar nas próprias companhias.

A recepção do público surpreendeu os organizadores. A imprensa local destacou o encontro, e Na Terra dos Dragões conquistou o prêmio de melhor espetáculo.

Divulgação



'Na terra dos dragões', de 1974, encenada por estudantes do Ginásio Industrial

EXPEDIENTE

Fascículos do Patrimônio de Pindamonhangaba

Edição 05 | 11 de novembro de 2026
Publicação da Prefeitura de Pindamonhangaba, por meio da Secretaria de Cultura e Turismo – Divisão de Patrimônio Histórico, com a colaboração do Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Cultural, Ambiental e Arquitetônico de Pindamonhangaba – CMPHCAAP.
Pesquisa histórica e texto:
Divisão de Patrimônio Histórico
Colaboração:
Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Cultural, Ambiental e Arquitetônico de Pindamonhangaba – CMPHCAAP
Projeto gráfico e diagramação:
José Marcelo Randes
Fotografias e acervos:
Divulgação
Coordenação:
Mauro Celso Barbosa
Chefe da Divisão de Patrimônio Histórico
Impressão:
Fundação Dr. João Romeiro
Jornal Tribuna do Norte
Realização:
Prefeitura de Pindamonhangaba
Secretaria de Cultura e Turismo
Divisão de Patrimônio Histórico
Pindamonhangaba – SP | 2026

O Grupo Teatral São Francisco: expansão do festival em tempos de censura

A continuidade das atividades levou à formação do Grupo Teatral São Francisco, denominação adotada em 1975. Segundo o depoimento de Diógenes, a escolha foi inspirada pelo filme Irmão Sol, Irmã Lua, dirigido por Franco Zeffirelli, cuja linguagem artística despertou sua admiração.

Entre as primeiras montagens do grupo estava Canudos, escrita por Milton Feliciano de Oliveira, irmão de Diógenes.

O repertório também incluiu espetáculos destinados ao público infantil, como Dom Chicote Mula Manca e Generalzinho de Saia, ampliando a participação de jovens atores e o contato com diferentes públicos.

O II FESTE aconteceu em outubro de 1975, no Salão Paroquial, reunindo nove grupos participantes. Naquele momento, o festival deixou de se restringir aos estudantes, passando a receber companhias teatrais independentemente da condição escolar de seus integrantes.

A programação incluiu peças de Ariano Suassuna e Vinicius de Moraes, entre outros autores, e reuniu companhias de Taubaté, Aparecida, Caçapava, Roseira, Redenção da Serra e Pindamonhangaba.

Realizado durante a ditadura militar brasileira, o II FESTE teve seus espetáculos submetidos à avaliação de um censor enviado de São Paulo, encarregado de estabelecer classificações etárias e identificar conteúdos considerados inadequados pelo regime. O episódio situa a expansão do festival em um período de restrições à liberdade de expressão.

O Grupo São Francisco prosseguiu com suas montagens e conquistou premiações em outros encontros teatrais.

O III FESTE E A MOBILIZAÇÃO DA COMUNIDADE

Em 1976, o III FESTE encontrou no Cine São José um novo local para suas apresentações. O antigo cinema estava desativado e, segundo o relato histórico dos organizadores, seria transformado em estabelecimento comercial. Para tornar possível a realização do festival naquele espaço, integrantes do Grupo Teatral São Francisco organizaram um mutirão: limparam o ambiente, instalaram refletores e providenciaram cadeiras que haviam sido cedidas a uma entidade da cidade. A preparação do cinema contou, portanto, com trabalho voluntário e soluções construídas coletivamente. A mobilização ultrapassou o grupo teatral: comerciantes de Pindamonhangaba contribuíram oferecendo refeições aos artistas visitantes. A colaboração local foi decisiva para acolher as companhias e viabilizar aquela edição.

A programação reuniu companhias de Pindamonhangaba, Taubaté, Aparecida e Mogi das Cruzes. Entre as montagens estavam A Próxima Vítima, do Grupo Aquarius, de Taubaté; Bandeirinha ou Boné, Cavalheiro?, do Grupo de Teatro da Faculdade Braz Cubas, de Mogi das Cruzes; Muro de Arrimo, de Queiroz Telles, apresentada pelo Grupo Teatral São Francisco; e O Menino das Canecas, do Grupo Arco-Íris, de Aparecida. A recém-criada Faculdade Santa Cecília (FASC) também recebeu apresentações dos grupos participantes, de modo que algumas companhias realizaram duas sessões na cidade: uma no FESTE e outra na faculdade. O encerramento contou com a apresentação do coral da Faculdade de Educação Artística de Pindamonhangaba.

O registro dos organizadores também menciona uma decisão relacionada à premiação. Como as montagens de Pindamonhangaba haviam vencido as duas primeiras edições, o Grupo Teatral São Francisco informou aos jurados que não concorreria ao prêmio de melhor espetáculo em 1976.

A trajetória de Muro de Arrimo ultrapassou os limites do município. Em 1977, o Grupo Teatral São Francisco participou do Festival Estadual de Teatro Amador, promovido pela Confederação de Teatro Amador do Estado de São Paulo (COTAESP), chegando à final realizada em Santos. Na ocasião, Lauro de Almeida recebeu o prêmio de melhor ator do estado, enquanto o grupo foi contemplado com o Prêmio Governador do Estado, conforme o registro histórico do FESTE.

Divulgação



Peça infantil no Teatro Galpão

A consolidação de uma tradição cultural

Divulgação



Apresentação no Parque da Cidade

A partir de 1977, o FESTE passou a ocupar o Clube Literário e Recreativo, onde permaneceu até 2000. Depois das experiências em espaços escolares, associativos e no Cine São José, a permanência no clube marcou uma etapa de maior estabilidade na realização das apresentações.

Em 1980, a Prefeitura Municipal de Pindamonhangaba assumiu a realização do FESTE, por meio do Departamento de Cultura, inaugurando uma nova etapa de organização institucional. A continuidade, entretanto, enfrentou dificuldades financeiras: segundo os registros históricos, não houve edições em 1982, 1986, 1999, 2010 e 2016.

O FESTE integra o conjunto de festivais brasileiros de maior longevidade. Entre os eventos que o antecederam estão o Festival Santista de Teatro (FESTA), de Santos, criado em 1958; o festival de Londrina, iniciado em 1968; o de São José do Rio Preto, em 1969; e o Festival Nacional de Teatro de Ponta Grossa (FENATA), em 1973. Essa comparação situa a iniciativa de Pindamonhangaba no contexto da formação de um circuito nacional de festivais. Em levantamento divulgado pela Prefeitura em 2023, o Conselho Municipal de Cultura também apontou o FESTE entre os dez festivais nacionais de teatro mais antigos do Brasil; trata-se de uma classificação atribuída à pesquisa do Conselho, e não de um ranking exaustivo aqui estabelecido.

No Vale do Paraíba paulista, o FESTE antecede em onze anos o FESTIVALE, de São José dos Campos, iniciado em 1985. Entre os festivais regionais identificados na pesquisa, apresenta a data de criação mais antiga, o que evidencia seu pioneirismo regional.

Com o crescimento do evento, a programação passou a contemplar categorias de teatro adulto, infantil e de rua, além de espetáculos convidados. Debates, oficinas e encontros entre artistas e espectadores também passaram a integrar o festival, estimulando reflexões sobre dramaturgia, interpretação e processos criativos.

Para Pindamonhangaba, essa diversidade tem especial importância. O contato com companhias de diferentes regiões amplia o repertório artístico disponível à população, apresenta linguagens cênicas e propostas estéticas nem sempre presentes na programação cotidiana e contribui para a formação de público. Aos artistas locais, oferece oportunidades de aprendizado e intercâmbio. Assim, o FESTE fortalece a vida cultural da cidade e sua participação no cenário teatral brasileiro.

A partir de 2001, o espaço da Cooperativa de Teatro de Pindamonhangaba (COOTEPI), atualmente denominado Espaço Cultural Teatro Galpão, passou a receber apresentações do FESTE, tornando-se um dos espaços de realização do festival.

Durante a pandemia de Covid-19, as edições de 2020 e 2021 ocorreram em formato virtual. As apresentações presenciais foram retomadas em 2022.

Em 2024, a 46ª edição recebeu 192 inscrições de grupos de dez estados brasileiros e do Distrito Federal, monstrando a abrangência nacional atingida pelo festival.

O RECONHECIMENTO ENQUANTO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

Divulgação



Apresentação no Mercado Municipal

Divulgação



Espetáculo infantil de rua na praça Monsenhor Marcondes, no centro da cidade

Memória coletiva e salvaguarda

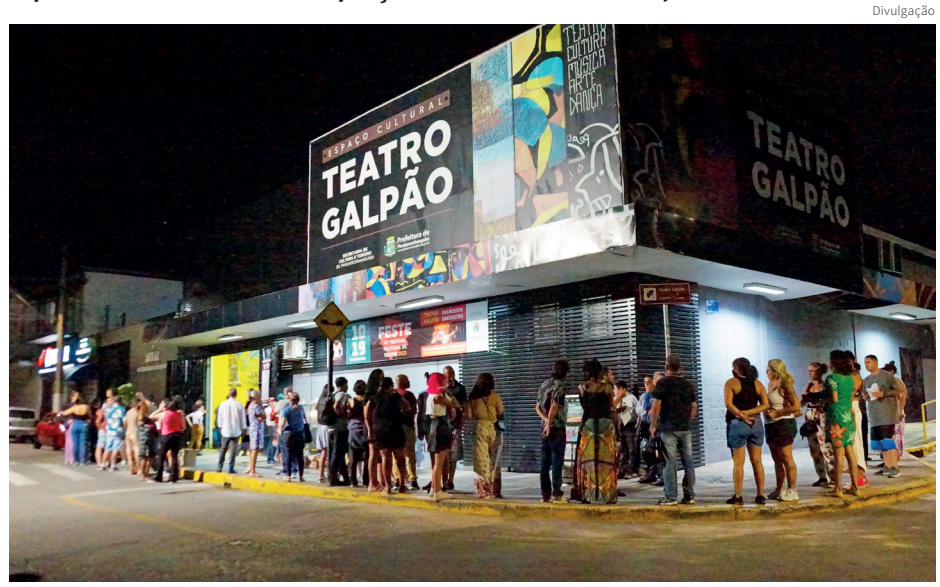
À luz da reflexão de Pierre Nora sobre os lugares de memória, o FESTE pode ser compreendido como uma referência que reúne lembranças e experiências coletivas, sem estar restrita a um único espaço físico.

Fotografias, programas, cartazes, troféus, notícias, depoimentos e registros audiovisuais são fontes essenciais para documentar essa trajetória. Esses materiais permitem identificar os grupos participantes, os espaços utilizados, as escolhas artísticas e as transformações da programação ao longo do tempo. A salvaguarda, entretanto, não se encerra na preservação de arquivos: também exige condições para a realização de novas edições, a participação dos artistas e o acesso do público aos espaços culturais.

Preservar o FESTE não significa repetir as primeiras edições sem mudanças, mas assegurar que sua história seja conhecida e que novas gerações possam participar de sua transformação.

Do trabalho de Diógenes e seus estudantes às apresentações contemporâneas, o FESTE demonstra que o patrimônio cultural também se constrói no palco, na plateia e nas experiências compartilhadas entre artistas e público.

Divulgação



A partir de 2001, o Teatro Galpão passou a receber as atrações do FESTE

Divulgação



'A barca do Inferno' destaca-se como uma das peças mais memoráveis do festival

Em 9 de agosto de 2022, o Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Cultural, Ambiental e Arquitetônico de Pindamonhangaba (CMPHCAAP) aprovou o registro do FESTE como bem cultural de natureza imaterial. O reconhecimento foi formalizado pelo Decreto Municipal nº 6.299, de 19 de dezembro de 2022. O festival tornou-se o primeiro bem registrado nessa categoria no município.

Esse reconhecimento está relacionado à concepção de patrimônio cultural estabelecida pela Constituição Federal de 1988. O artigo 216 abrange bens materiais e imateriais que constituem referências à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade.

No caso do FESTE, o valor patrimonial está na continuidade da prática teatral, na participação social e na transmissão de conhecimentos e experiências.

REFERÊNCIAS E FONTES DOCUMENTAIS

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Artigos 215 e 216.

MARCONDES, Athayde. Pindamonhangaba através de dois e meio séculos. 2. ed., 1922.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Projeto História, São Paulo, n. 10, 1993.

PINDAMONHANGABA. Conselho Municipal de Patrimônio Histórico, Cultural, Ambiental e Arquitetônico. Estudos para Tombamento do FESTE — Festival Nacional de Teatro de Pindamonhangaba. 2022.

PINDAMONHANGABA. Decreto Municipal nº 6.299, de 19 de dezembro de 2022.

SMITH, Laurajane. Uses of Heritage. Londres: Routledge, 2006.

UNESCO. Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial. Paris, 2003.

PINDAMONHANGABA. Prefeitura Municipal. Feste é registrado como primeiro Patrimônio Imaterial de Pindamonhangaba. 2023. Disponível em: https://pindamonhangaba.sp.gov.br/1602-feste-e-registrado-como-primeiro-patrimonio-imaterial-de-pindamonhangaba.

TRIBUNA DO NORTE. Feste agita cenário artístico em Pindamonhangaba. 13 nov. 2018. Disponível em: https://jornaltribunadonorte.net/noticias/feste-agita-cenario-artistico-em-pindamonhangaba/.

FESTE – FESTIVAL NACIONAL DE TEATRO. História oficial: consolidação (1974–1978). Pindamonhangaba, SP, 2019.

FIQUE ATENTO AO PRÓXIMO MEMÓRIAS E PATRIMÔNIOS